

**Projeto Ano Sabático**  
**Instituto de Estudos Avançados – IEA**

**Nome**

Marcia Aparecida Gobbi

**Título: Crianças e mulheres em luta por moradia: na lida cotidiana, as escolas frequentadas e representadas**

**Período**

02/01/2020 a 31/12-2020

**Resumo**

Este projeto é um desdobramento da pesquisa **Imagens de São Paulo: moradia e luta em regiões centrais e periféricas da cidade a partir de representações imagéticas criadas por crianças**<sup>1</sup> que teve como objetivo compreender processos sociais existentes nos contextos de luta por moradia e os sentidos elaborados pelas crianças residentes em ocupações de edifícios e terrenos, afirmadas como componentes de uma infância em luta. Na proposta aqui apresentada busca-se discutir as representações que as crianças e as mulheres moradoras de ocupações situadas nas regiões centrais da cidade de São Paulo, têm sobre as escolas públicas por elas frequentadas como estudantes. Compreende-se certa indissociabilidade entre crianças e mulheres nos cotidianos de luta o que justifica a inclusão dessas agentes na formulação da investigação que agora apresento. Percebe-se que a luta por moradia se expande em esforços que compreendem mais amplamente o direito à cidade e nele a educação destinada às crianças nas escolas do entorno. Busca-se investigar as representações das crianças ocupantes sobre as escolas frequentadas, bem como, das mulheres, majoritariamente mães e avós, acerca das práticas e abordagens educacionais oferecidas por essas instituições às crianças. Trata-se de importante investigação que poderá auxiliar no diálogo entre a escola e os movimentos sociais de luta por moradia considerando os ocupantes das moradias, as escolas e seu entorno social, cultural e econômico, o que implica repensar questões urbanas fundamentalmente do ponto de vista das crianças, sem esquecer de outros agentes, como as mulheres e movimentos sociais. Considera-se a existência de uma forma peculiar de luta das crianças e das mulheres e modos singulares de representar e lidar com as expectativas escolares, frequentemente em situações de mudança e de negociações, quando em condições de reintegração de posse do terreno ou edifício o que leva à busca por outros locais de estudo ou ao debate e construção de creches e escolas precárias dentro das ocupações. A metodologia de pesquisa considera por adequado o uso de relatos orais e de desenhos e de fotografias elaborados por mulheres e crianças com até 12 anos de idade, moradores de ocupações centrais e periféricas.

**Áreas do conhecimento**

Sociologia da educação, Sociologia urbana, estudos sociais da infância, políticas públicas de educação e moradia, estudos feministas e de gênero.

**Objetivos amplos**

Contribuir com estudos da Educação, Estudos Sociais da Infância e estudos urbanos sobre a luta por moradia a partir de dois agentes ainda insuficientemente investigados: crianças e mulheres e a relação com o cotidiano da luta que se expande para outros contextos, entre eles

---

<sup>1</sup>Projeto desenvolvido com financiamento FAPESP por mim coordenado.

as escolas, essas vistas como oportunidades ímpares para repensar sobre a questão urbana a partir e com as crianças e mulheres suas frequentadoras como estudantes e responsáveis.

#### **Objetivos específicos:**

- 1) Investigar e analisar como as crianças moradoras de ocupações na região central representam as escolas de ensino fundamental e educação infantil por elas frequentadas a partir de desenhos, fotografias e relatos orais que podem estar conjugados ao ato de elaboração das imagens.
- 2) Conhecer e compreender como as mulheres moradoras de ocupação constroem seus cotidianos e a luta pela moradia em suas relações com as crianças observando especialmente a luta pela educação e as relações estabelecidas com as escolas envolvendo a permanência e participação das crianças nas escolas a partir de relatos orais e criações imagéticas, o que envolve o direito à moradia e à cidade em sua acepção ampla.
- 3) Conhecer e analisar o atual momento de luta pela moradia e cidade e suas implicações na educação escolar a partir das crianças e suas responsáveis.

#### **Justificativa (escopo acadêmico e científico)**

1.

A cidade de São Paulo conta atualmente com 12 milhões de habitantes. Entre eles, segundo a Fundação João Pinheiro em último relatório sobre o Déficit habitacional no Brasil (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2018), temos 380 mil famílias sem teto, resultante de ausência de políticas habitacionais efetivas da qual derivam altíssimos valores cobrados por alugueis de residências, em especial em regiões centrais, próximas ao transporte público ou a regiões de comércio e serviços, ou seja, que assegurem qualidade de vida a seus moradores. Junta-se a isso um número elevado de imóveis ou terrenos ociosos que não cumprem o artigo 5, cláusulas 23 e 24 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), que inclui a função social da propriedade como direito fundamental de todos os cidadãos. O déficit indica a necessidade de construção de novas moradias para atender à demanda habitacional da população em dado momento.

Nas décadas recentes uma configuração espacial e de relações sociais com o urbano vem chamando a atenção em diferentes mídias e por aqueles que passam e vivem em grandes metrópoles. Trata-se das ocupações de edifícios em regiões centrais da cidade – em destaque aqui, São Paulo – e de terrenos vazios em suas regiões periféricas, não cumpridores de suas funções sociais. No que se convencionou denominar região central, devido ao processo inicial de colonização e posterior urbanização, merece atenção especial aquelas localizadas em hotéis e antigos cinemas, outrora luxuosos e que hoje expressam decadência de modelos econômicos, de cidade e de convivência e apropriação dos espaços públicos diferentes do que foram décadas atrás, evidenciam outros projetos de e para a cidade e indiciam suas transformações. Chama a atenção hotéis, tais como o Lord Palace, situado no bairro de Santa Cecília e o Cambridge na Avenida Nove de Julho – recentemente tema de filme exibido no Brasil em grande circuito – edifício Mauá, antigo Hotel Santos Dummont e o Edifício Prestes Maia, antiga fábrica de jeans e o edifício Wilton Paes de Almeida, ocupado desde 2015 e incendiado em 2018, impondo que seus moradores ocupassem o Largo Paissandu<sup>2</sup>, em São Paulo. Representaram certo apogeu econômico e cultural de uma região central historicamente constituída em detrimento da periferia, que se constituía também pela impossibilidade de permanecer em determinados bairros centrais, e seus moradores pertencentes a classes sociais menos abastadas economicamente – como

---

<sup>2</sup> Refiro-me à resultado de etnografia realizada por mim durante os meses de maio a agosto de 2018 no Largo do Paissandu, ocupação forjada após o incêndio do edifício Winston Paes de Almeida. Dessa pesquisa resultou o artigo **Quando limpam com fogo, como ficam as crianças? Vidas abreviadas, vidas breves**, no prelo para publicação na Revista Educação e Pesquisa.

constata Nádia Somekh (2013), referindo-se à produção difusa e excludente da cidade. Gentrificação e especulação imobiliária caminham indissociáveis nos processos de mudança da região central do município, na cidade paulistana.

Trata-se de incluir na análise de fenômenos sociais urbanos dois agentes sociais ainda pouco conhecidos, quais sejam, crianças e mulheres, e suas relações com equipamentos sociais já existentes, tal como a escola. Afirmamos, com Saskia Sassen (2010) a existência de cidades globais conectadas. Contudo, alimentando-nos em seus estudos, temos como hipótese que embora cosmopolitas, e com movimentos por moradia de caráter bastante próximo, há algo que lhes informam em contextos particulares. Há atores globais, e diríamos agentes, situados em lugares específicos compondo redes sociais e esferas que se aproximam de modo mundial e travam debates e enfrentam dilemas sobre o espaço chamados de transfronteiriços que conferirão poder, peso e particularidades aos movimentos que se deslocam com suas ideias, ainda que sem sair do lugar, enraizando-se. A ocupação tem se mostrado, até o momento, como força resistente ao movimento de expulsão estudado por Sassen (2016). Para não ser expulso, ou mais uma vez retirado à força de onde residia, busca-se um terreno ou edifício vazio onde “enraizar-se” e construir a luta pela moradia que se expressa em formas diversas, entre elas a que envolve lazer, cultura e educação. Suas presenças implicam mudanças nos espaços e relações, incluindo a escola. Assim, não é exatamente um fluxo contínuo, de chegadas e partidas constantes, que ocorrem em alguns locais, mas uma movimentação que sai para fixar-se alojando-se e compondo vozes com metodologias nem tão usuais de lutas e modos de viver, junto aos filhos e filhas, ou netos e netas numa conformação parental e familiar nem sempre estabelecida pela consanguinidade. Contrariando um presente errante as relações entre todos e as experiências ocorrem invariavelmente juntos, pois, parece-nos, que ter casa implica ter futuro seguro para os filhos e filhas. As lutas pela manutenção de seus filhos nas escolas e pela construção de creches, como visto em ocupações das regiões noroeste e extremo sul da cidade<sup>3</sup>, mais recentemente, integram esse enraizamento e, não só, compõem esforços pela conquista de direitos amplos, não somente à moradia e nisso encontra-se a educação e tudo o que envolve formas diversas de seu atendimento, bem como, outros projetos educacionais. Como afirmou Marília Sposito (2010) a cidade de São Paulo foi palco de movimentos populares pela educação nos anos 1970 e 1980, o que envolveu formas de resistência, ainda que veladas, contra a ditadura, revelando relações entre movimentos sociais de luta pela educação. Sua pesquisa levamos a refletir atualmente sobre a cidade como cenário de lutas em que a educação complementa o direito à moradia e à cidade, componentes das pautas de reivindicações dos movimentos de luta por moradia. Implicam movimentações dentro dos movimentos sociais ao mesmo tempo em que provocam tratamentos e mudanças nas relações estabelecidas entre a escola, já existente e frequentada pelas crianças, as crianças frequentadoras e os seus responsáveis, majoritariamente mulheres, mães e avós, pelo já considerado em pesquisa inicialmente mencionada. Se a cidade está em disputa a educação escolar encontra-se presente nesse palco ensejando, revelando, transformando e mantendo a peleja diária pela vida urbana o que implica, não apenas a observação das representações construídas sobre a escola, mas o quanto as mesmas configuram formas de lidar com agentes do ensino, com a escola em seu espaço físico e currículo, e mais amplamente, com a cidade, ao considerar que tais elementos evocam e constroem perspectivas cidadinas. Acredita-se que isso pode ser observado e analisado nas manifestações expressivas e plásticas das crianças frequentadoras das escolas de educação infantil e ensino fundamental, bem como, naquelas proferidas e criadas por suas responsáveis.

2.

Entre os inúmeros estudos sobre a cidade de São Paulo encontramos A espoliação urbana, estudada originalmente por Lúcio Kowarick desde a década de 1970, em estudos seminais,

---

<sup>3</sup> Trata-se de dados e análise da referida pesquisa realizada, entre outras ocupações, na Jardim União, localizada no extremo sul e ocupação Esperança, na região Noroeste da cidade de São Paulo.

concebe a cidade como espaço democrático de debates e a aponta também como espaço de direito de todos os que nela habitam, indicando ainda a existência de carências que demonstravam a presença histórica de extorsões no trabalho, moradia, transporte constituindo grupos segregados e uma lógica própria e presente entre uma aparente desordem urbana, desordem essa cuja naturalização é intentada nos espaços escolares. A espoliação torna seus moradores aliados do direito à cidade reflexão que podemos estender a acepção de Henri Lefebvre, ou ainda como em Gilberto Velho (1973), lugar fecundo para se considerar as relações travadas no meio urbano como prática concernente à pesquisa e ao conhecimento dos modos de viver o urbano. Quanto a pesquisa proposta, a cidade, que abriga territórios contestados, revela em suas entranhas, a cada dia, novas e velhas disputas. Apropriar-se dela implica conhecê-la e aos direitos concernentes. A educação, fruto de lutas na cidade, configurando o espaço público como também urbano, pela presença de equipamentos educacionais, é ainda disputada, contudo, isso ocorre dentro da própria escola lugar onde ser oriundo de movimentos sociais ou moradores de ocupações pode não ser bem visto redundando em relações de rechaço. Como afirmou Adela Cortina (2017) vivemos em tempos de aporofobia em que o rechaço aos pobres se dá sob as mais diferentes formas e as relações escolares podem também estar compreendidas nisso, aliás, como bem sinalizam os noticiários cotidianamente em nossas televisões, computadores ou impressos. Compreendidas nas lutas estudantis e em seus silêncios. De acordo com Achille Mbembe (2011) vivemos nesse século sob a necropolítica, que levaria a escolha de alguns sobre quem deve viver ou morrer, em atenção a critérios econômicos. Essa afirmação encontra ecos em Judith Butler (2015). A autora, de modo perspicaz, apresenta reflexões instigantes quanto a manutenção da vida em alguns grupos sociais e o destino da morte para outros. Assim, a desigualdade social estruturante poderia ser pensada como fato que enquadra alguns à morte, sendo ou não passíveis de luto, esquecidos ou lembrados devido a maior ou menor inserção social ou econômica. É certo que encontramos resquícios de uma política colonialista, porém, em nosso caso mesclada com a especulação imobiliária e políticas de desconsideração das diferenças, que também são transformadas em mercadorias. Onde estão as crianças e as adultas nisso e como elas têm representado os locais em que passam parte de sua vida, tais como os espaços educacionais, é uma questão a ser enfrentada, pois, gostaria de refletir, nesse projeto, se tais questões são ou não evidenciadas nas práticas escolares diárias e se estão, de algum modo, representadas pelas crianças, considerando também a existência de possíveis quebras de padrões e regras e invenções de escapatórias recriando-se e às relações em fissuras ou brechas existentes e/ou criadas no cotidiano. Crianças e mulheres expressarão em relatos e narrativas imagéticas suas representações e outros projetos para a educação oriunda de uma perspectiva em luta? Há que conhecer.

3.

Tereza Caldeira (op.cit) demonstra em sua pesquisa um curioso modo de estabelecer relações entre os pares e reproduzir-se a si mesmo dentro de moradias e entre enclaves fortificados reveladores das tramas que constituem o espaço urbano com seus conflitos e agentes em constante disputa. Pobreza, desigualdade, segregação e luxo encontram-se como temáticas em diferentes percursos de pesquisas acadêmicas sobre a metrópole. Jane Jacobs, nos anos 1960 apresenta-nos um estudo fecundo em que mudanças sociais são evidenciadas proporcionando que conheçamos, sob diversos aspectos, o que as cidades nos apresentam e representam para todos os que a constroem e como vêm sendo tecidas fio a fio ao longo das relações estabelecidas entre seus moradores. A América do Sul encontra-se em suas relações econômicas, históricas, sociais como produto de um cenário mundial em que as constantes e sucessivas crises lhe tem imposto reconfigurações fazendo aparecer espaços onde os distintos atores envolvidos se conjugam e produzem propostas políticas que, se não se afastam fortemente, também não se distanciam dos alinhamentos mundiais de caráter hegemônico consolidando, sob alguns aspectos, perspectivas próprias para enfrentar as mudanças, o que nos leva ao desejo de observar tais formas forjadas nesses contextos quanto a luta urbana por moradia e seus

desdobramentos, entre eles a luta pela frequência nas escolas e por conhecer e participar de práticas pedagógicas e escolares nela realizadas, muitas vezes de modo enclausurado, entre muros, que pouco ou nada, conversam com o entorno, em especial se o mesmo for cravejado por moradias ocupadas por movimentos sociais.

O grande crescimento das metrópoles e seus efeitos sobre a segregação social e política, tem implicado o registro e formas coletivas de organização pela conquista da moradia e outros bens configurando certa cartografia política de cidade que nos mostra campos de conflito entre os agentes, moradores ou não (Vera Telles e Cabanes, 2012; Telles 2006, Stela Paterniani, 2015, Renato Santos, 2017) e entre esses agentes temos as crianças, desde bem pouca idade, imbricadas e profundamente ligadas ao entorno, seja ele a escola, como trataremos adiante, ou o que também nos interessa aqui, as mulheres, em sua maioria mães e avós das crianças, compondo singularmente suas vidas – as quais denominamos de “em luta” diária – seja dentro das ocupações, seja nos movimentos sociais, em que a participação se dá majoritariamente pelas adultas e crianças, considerando a presença física e a voz das crianças, no colo, no chão, ao redor quando nas tomadas de decisões. Considera-se que essas práticas configuram novas formas de viver, morar, lutar juntando pontos de vistas e ações que podem ser compreendidas por categorias de gênero, classe e idade, sem esquecer que elas são elaboradas de acordo com as regiões de origem das participantes.

Tais movimentos apresentam a necessidade de repensar o problema habitacional conjugando-o às questões educacionais do país e da cidade, em que a disputa trata e traz outros personagens para a cena, discutindo e fazendo emergir o debate sobre o direito e o sentido da vida a partir da quase total falta de condições em que novas, e nem tão novas formas de viver, vão sendo forjadas pelas pessoas cotidianamente. Porém, nessa intensa trama de lutas, há as crianças e as mulheres que vivem nas grandes cidades com alguns familiares entre seus sonhos, direitos, desejos e condições materiais, estas últimas seguramente desfavoráveis. Temos ainda grande desconhecimento sobre as condições de vida desses meninos e meninas e as mulheres, suas familiares, nem sempre consanguíneas, certamente precárias, desafiadoras no que concerne à economia, ao trabalho, à escola, às relações de amizade e familiares, aos seus direitos, bem como, relativas ao modo de uso da cidade e seus espaços afirmados como espaços de formação de estratégias de luta e reconhecimento de direitos e cidadania, mas também, configurando-se como lugares que resultam de transformações que imprimem ritmos diversos às experiências infantis e femininas no urbano. Observou-se, contudo, a partir de idas a campo, em pesquisa anteriormente mencionada, que há forte ligação com as mulheres, como já citado, e que elas provocam pensar em lutas específicas, tal como a luta pela vida na escola. Observa-se que seus corpos, ritmos de andar, a estética, as vozes, os modos de falar constituem-se como elementos de distinção das moradoras adultas e crianças. São objetos de questionamentos entre funcionários da escola e outras crianças.

Ao longo da pesquisa *Imagens de São Paulo: moradia e luta em regiões centrais e periféricas da cidade a partir de representações imagéticas criadas por crianças moradoras em ocupações*, agora entrando em período de análise observamos não apenas a complexidade da temática, como também a importância de aprofundá-la ampliando o propósito da investigação ao procurar expandir não as áreas investigadas, mas incluir um agente, as mulheres, e uma nova questão: as representações sobre as escolas e a educação escolar. Compreende-se nesse projeto a indissociabilidade entre crianças e mulheres quando se pretende investigar cotidiano e luta por moradia em ocupações, havendo lacunas no trato dessa questão entre pesquisas nos campos teóricos das ciências sociais, estudos urbanos e educação. A investigação já empreendida observou a construção de um modo particular de luta travada por meninos e meninas e que se soma às mulheres, muitas delas mães e avós, trabalhadoras que acumulam a função de representantes ou lideranças de movimentos sociais de luta por moradia, tal como ocorre nos importantes movimentos denominados Frente de Luta por Moradia, no Movimento de Luta por Justiça e no Movimento de Luta Popular, em São Paulo ou ainda Movimento dos

Trabalhadores sem Teto<sup>4</sup>. São movimentos sociais diversos e plurais que reúnem diferentes grupos de pessoas que se ligam a partir de referências e repertórios particulares relacionando-os e manifestando-se em peculiares modos de lutar tendo as crianças a seu lado ou no colo. Esses movimentos sociais não serão alvo de investigações diretas, mas não podemos negar sua presença no processo de formação desses grupos de mulheres e infantis. Disputam a cidade e nela a moradia. Espoliados urbanos, algo que necessitamos investigar é o esparrame dessa espoliação nas representações infantis e nas relações com a escola.

4.

Segundo Francisco Oliveira (2003) no Brasil convivem relações de reprodução com resquícios do período escravista e que reverberam nas práticas sociais atuais, e indubitável, replica-se nas formas de reconhecer ou esconder determinados espaços e seus usos, assim como, a agentes sociais. Tais processos de lutas, que resultam em relações com o morar e apropriar-se da cidade, desconsideram as crianças como vozes autorizadas a falar e/ou representar suas considerações sobre o presente cotidiano e o destino a ser tomado pelo grupo maior, ao mesmo tempo que as desconsideramos quando nas relações construídas também com seus pares adultos em diferentes contextos, tais como na vida em terrenos ou edifícios ocupados, em que as gerações estão fortemente imbricadas e implicam motivos pelos quais passa-se a lutar. Agrega-se ao direito à moradia o direito à cidade encampando condições de lazer, de mobilidade, segurança, saúde, cultura e educação. É para a educação escolar, contudo, que pretendemos nos voltar agora, pois ao longo da pesquisa mencionada percebeu-se em falas das crianças, mães, avós e responsáveis certo tensionamento entre elas e as escolas frequentadas. Henri Lefebvre (2001) afirmou que a cidade e o urbano implicam encontros e confrontos com a diferença, assim as ocupações ganham nuances ainda mais nítidas e carentes de investigações já que suas presenças em regiões centrais ou periféricas provocam a alteridade, o outro alterante em todos aqueles que convivem dentro e fora desses espaços de moradias que entram em confrontos e reclamam formas alternativas de convivência e a escola não escaparia disso entrelaçada com as disputas e processos sociais de reversão e manutenção das relações. Isso toma outros aspectos quando pretendemos compreender as crianças e as mulheres em relações tão próximas nesse processo e nesses contextos e condições de vida, nem sempre compreendidas e consideradas nas instituições frequentadas, tais como a escola. Como afirmou Sposito (op.cit), nos anos 1970 inscrevia-se a luta pelo direito à educação, contudo, observa-se atualmente várias escolas no entorno de ocupações, entre elas a Mauá e Ipiranga. Devido a esse motivo propomos as ocupações Mauá e Ipiranga como locais de estudo dessa pesquisa, dando continuidade à investigação já realizada em pesquisa mencionada nesse projeto. Trata-se de encontrar nessa região a maior concentração de escolas e creches públicas com frequentadores residentes em ocupações. São diferentes temporalidades coexistindo num mesmo espaço e distintas relações e práticas sociais que transbordam a escola e ocupam vários outros espaços percorridos e conhecidos das crianças. Há que saber como as escolas e tudo que as envolvem são representadas pelas crianças. Será possível perceber indícios dessas relações nos traços e assuntos presentificados nas imagens? A partir de resultados de pesquisas já realizadas, especialmente, por Cleriston Izidro dos Anjos, professor da UFAL e pos-doutorando<sup>5</sup> na FEUSP, sob minha supervisão, que observa nas escolas frequentadas pelas crianças moradoras da

---

<sup>4</sup> A escolha pelos movimentos Frente de Luta por Moradia (FLM), Movimento Luta por Justiça deve-se ao fato de serem atualmente importantes referências em movimentos sociais de luta por moradia nas regiões centrais e periféricas de São Paulo. Suas representações em distintas formas de organização e lideranças são compostas fundamentalmente por mulheres. O MTST, outro importante movimento social de luta por moradia, não está listado pela dificuldade de encontrar ocupações situadas em centrais ligadas ao MTST.

<sup>5</sup> Projeto **Famílias em luta por moradia e as Instituições de Educação Infantil da cidade de São Paulo: entre a segregação e o acolhimento**, com financiamento CAPES.

ocupação Mauá, certa resistência e profundo desconhecimento de professores e funcionários das escolas sobre o direito à moradia e à cidade, particularmente quando se trata de moradores de ocupações e movimentos sociais. Questionamos: como as crianças representam esse espaço vivido e, se o fazem, como isso se dá, quais elementos são apresentados e quais silenciados em seus traços e assuntos. Ao mesmo tempo as mulheres suas responsáveis como têm produzido a escola em suas representações e narrativas?

As ocupações, inferimos, encontram-se numa face das resistências possíveis às expulsões impelidas aos grupos sem moradia e, talvez, impondo ritmos mais lentos aos processos de expulsão, o que lhes confere certas particularidades que ensejam novas pesquisas. A luta por creche, caso particular aqui destacado como exemplo de luta pela moradia e enraizamento, chama-nos a atenção, especialmente nas ocupações periféricas, não somente pela carência desse equipamento nas franjas da cidade, mas pela maneira como ela se entretetece ao cotidiano vivido e planejado pelas mulheres, em especial. Em ocupações como Mauá e Ipiranga, na região central de São Paulo, as crianças frequentam escolas de ensino fundamental e infantil das redes públicas estadual e municipal o que observou-se ser importante investigar essa relação entre ocupantes e a escola. Nossa questão é conhecê-las a partir das crianças frequentadoras, afinal, como é viver e lutar por moradia e ter essa vida e temática incluída ou não dentro das escolas frequentadas, isso permite o diálogo com questões concernentes à formação de professores e professoras aproximando-se dos debates sobre currículo.

### **Razões para desenvolver o projeto no IEA**

A investigação aqui proposta implica estudos interdisciplinares envolvendo campos teóricos das Ciências Sociais e Educação, particularmente estudos sociais sobre a infância, direito à cidade e moradia e a relação com educação escolar. Entende-se por isso que o Instituto de Estudos Avançados (IEA) é o espaço privilegiado para acolher tal proposta de pesquisa. Ao desenvolver esse projeto no Instituto acredita-se na possibilidade de ampliação das análises e sua contribuição para as investigações realizadas, bem como, para aquelas específicas da Educação, num contínuo estreitamento de laços IEA/FE-USP.

### **Potencial de interdisciplinaridade**

O projeto será desenvolvido em articulação com estudos sociais da infância, gênero e estudos sobre mulheres aos campos da educação e luta por moradia. Necessita de aportes teóricos dos campos da sociologia urbana, educação, infância e gênero, bem como, dos métodos de pesquisa relacionados à antropologia e sociologia o que lhe confere o caráter interdisciplinar. Considera-se, nessa proposta, a importância de abordá-la aproximando-a da educação, em que a especificidade do tema ainda se encontra afastada. O método pressupõe também a criação de imagens – desenhos e fotografias digitais – considera-se que a interdisciplinaridade do projeto encontra-se também no uso de referências teóricas articuladas aos estudos sobre imagem, sua análise e produção.

### **Metodologia**

Pretende-se desenvolver a pesquisa usando os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Uso de câmeras fotográficas e materiais gráficos pelas crianças e mulheres para elaboração de registros visuais sobre a escola frequentada pelas crianças moradoras da ocupação, bem como de seu entorno e de outros espaços e desenhos com temáticas a serem escolhidas pelas crianças.
2. Pesquisa de campo, diálogos, entrevistas e oficinas de desenhos e fotografias com as mulheres moradoras da Ocupação Mauá e Ipiranga responsáveis pelas crianças.
3. Participação em assembleias e atividades diversas nas ocupações.
4. As imagens produzidas serão expostas na USP e nas ocupações participantes. O processo de curadoria da exposição envolverá a todos e todas e será usado como

método visando uma produção coletiva de conhecimento sobre as pessoas e sua relação com a escola e entorno. Ao mesmo tempo, servirá como devolutiva da pesquisa e ponto de debates sobre as imagens e suas narrativas gráfico-visuais. Pretende-se expor as fotos impressas e desenhos criados por participantes e a produção de lambes, em especial com os desenhos infantis.

### **Impactos científicos e sociais**

1. A produção de conhecimentos que serão escritos e discutidos nos seminários propostos que poderá contribuir com proposituras de novas pesquisas em desdobramento da temática investigada nesse projeto;
2. Contribuição para novos recortes de análise sobre os estudos propostos e voltados à infância, estudos sobre mulheres, movimentos sociais de luta por moradia e educação;
3. Do ponto de vista social prevê-se a problematização sobre formação de professores e professoras que discutam as questões propostas na pesquisa a partir dos dados construídos e analisados.

### **Plano de trabalho a ser executado pela pesquisadora e cronograma**

Sabe-se que dada a natureza do campo a ser pesquisado o plano poderá sofrer alterações. Temos aqui previsões aproximadas.

#### **1º trimestre**

- Aprofundamento teórico em referências fundamentais à compreensão da temática da pesquisa: Henri Lefebvre: O direito à cidade, A produção do espaço, Sociologia da vida cotidiana, La Presencia y la ausencia.
- Aprofundamento teórico sobre movimentos de luta por moradia no Brasil, movimentos sociais de luta por educação na cidade de São Paulo.

#### **2º trimestre**

- Estudos de campo, entrevistas com um grupo composto com até 15 mulheres moradoras das ocupações e responsáveis pelas crianças frequentadoras das escolas.
- Saídas fotográficas com mulheres e crianças
- Estudos de campo, diálogos, entrevistas e oficinas de desenhos e fotografias com as crianças moradoras da Ocupação Mauá.

#### **3º trimestre**

- Continuidade das entrevistas e trabalho de campo
- Início das análises de dados
- Início da curadoria coletiva de exposição a ocorrer na universidade de São Paulo (podendo ser no IEA a depender dos espaços disponíveis) e ocupações participantes.

#### **4º trimestre**

- Análise de dados, escrita de artigo e elaboração de e-book
- Curadoria coletiva de exposição a ocorrer na universidade de São Paulo (podendo ser no IEA a depender dos espaços disponíveis) e ocupações participantes.
- Devolutiva da pesquisa via exposição e seu processo curatorial.

### **Elaboração de trabalhos científicos (papers, livros e outros)**

Pretende-se a elaboração de um artigo que será submetido a revistas de divulgação científica e/ou capítulo de livro ao final da pesquisa, além de livro que resulte das pesquisas e leituras



Início e continuidade das análises de dados													
Diálogos sobre a produção das imagens: leitura coletiva													
Curadoria coletiva das exposições nas ocupações e universidade													
Devolutiva: exposição e diálogo sobre a pesquisa e suas percepções. Pretende-se convidar às escolas “representadas” propondo debates e conversas entre grupos.													
Elaboração de artigo e finalização													
Elaboração de e-book													

## Referências

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. Editora Terceiro Nome. 2011.
- ALDERSON, Priscilla. *Os direitos de participação da criança na investigação, no cotidiano e nas políticas*. Documento policopiado (resumo de comunicação apresentada no IEC, Universidade do Minho), 2003.
- ALMEIDA, Milton. J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. Editora Cortez. 1994.
- ANJOS, Cleriston. I. *Famílias em luta por moradia e as instituições de educação infantil da cidade de São Paulo: entre a segregação e o acolhimento*. Projeto de Pesquisa de Pós-Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2018.
- BIROLI, Flávia. e MIGUEL, L. Felipe. *Gênero, raça, classe: opressões cruzadas*. In: *MEDIAÇÕES, LONDRINA*, V. 20 N. 2, P. 27-55, JUL./DEZ. 2015
- BOURDIEU, P. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia*. Editorial Gustavo Gilli. 2005.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. PNDH. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos.* – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.* Diário Oficial da União, Brasília.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

CABANES, R. TELLES, V. (Orgs.). “Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios”. São Paulo: Humanitas, 2006.

CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. *dimensão educativa da luta de mulheres por moradia no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo. Tese de doutorado, FEUSP, 2018.*

CORTINA, Adela. *Aporofobia, um rechazo al pobre: desafio para la democracia.* Editorial Paidós: 2017

DaMATTA, Roberto, 1973, “O Ofício de Etnólogo ou como Ter ‘Anthropological Blues’”, *Comunicações do PPGAS*, 1, Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ.

FINCO, Daniela . *Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre as professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero, (Tese de doutorado) Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2010.*

FREUND, Gisele. *La fotografia como documento social.* Editorial Gustavo Gilli. 1993.

GOBBI, Marcia A. *Ver com olhos livres*, in: *o coletivo infantil.* FARIA, A.L.G. (org) São Paulo. Editora Cortez.2007.

GOBBI, Marcia A. *Olhares de turista aprendiz: Mário de Andrade e os desenhos das crianças.* In. *Desigualdade social e desigualdade cultural na infância e na juventude.* Freitas, M.Cesar de. (org) São Paulo. Editora Cortez. 2006.

GOBBI, Marcia A. *Num Click: meninos e meninas nas fotografias.* IN. Martins Filho, Altino e Prado, Patricia Dias. *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância.* Campinas. Editora Autores Associados. 2011.

HENDRICK, Henricharry. *A criança como actor social em fontes históricas. Problemas de identificação e interpretação.* In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (Org.). *Investigação com crianças. Perspectivas e Práticas,* Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005, pp. 29-54.

JAVEAU, Claudelaude. *Criança, infância(s), crianças: que objetivo dar a uma Ciência Social da Infância? Educação e Sociedade,* Campinas, v. 26, n. 91, p. 379-389, maio/ago. 2005.

KOSSOY, Borisoris. *Fotografia e História.* São Paulo. Ateliê Editorial. 2001

LEFEBVRE, Henri. *La produccion del espacio.* Espanha. Editora CAPITAN SWING II, 2013.

\_\_\_\_\_. *O direito à cidade.* São Paulo, Editora Centauro, 2013.

\_\_\_\_\_. *La presencia y la ausência.* México, Editora Fonde de Cultura, 1993

MARTINS, José.de S. *Sociologia da fotografia e da imagem.* São Paulo. Editora Contexto. 2008

MARTINS, José. de S.(org) *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais.* Editora EDUSC. Santa Catarina. 2008.

MENEZES, Paulo. O cinema documental como representificação: verdades e mentiras nas relações (im)possíveis entre representação, documentário, filme etnográfico, filme sociológico e conhecimento. IN: NOVAES, Silvia.C. (et alli). *Escrituras da imagem*. São Paulo. EDUSP. FAPESP. 2004.

MORAIS, Mariana; AVILA, Bruno. Mulheres no espaço urbano: Como fazer cidades melhores para elas? 2016. Disponível em: <http://www.courb.org/pt/mulheres-no-espaco-urbano-como-fazercidades-melhores-para-elas/> Acessado em: 14/09/2018

NOVAES, SilviaC. (et alli). *Escrituras da imagem*. São Paulo. EDUSP. FAPESP. 2004.

OSBORNE, Peter. La fotografia es un campo em expansion:unidad distributiva y forma dominante. In: Green, D. (org) ?Que há sido de la fotografía?Gustavo Gilli Editorial. Barcelona. 2007.

PATERNIANI, Stela. Morar e viver na luta: movimentos de moradia, fabulação e política em São Paulo. 1. ed. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2016. 166p.

SALES, Alessandra do Amaral. Movimento Orquídeas: as mulheres como sujeitos coletivos na luta por moradia em Manaus, dissertação de mestrado, UNAM, 2015.

SASSEN, Saskia. Sociologia da globalização. Porto Alegre. Editora Artmed. 2010.

SASSEN, \_\_\_\_\_. Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2016.

SANTOS, Renato Abramowicz. Cartografias políticas de uma ocupação - cotidiano, território e conflito. 2018. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo.

SOARES, Natália Fernandes. *Outras infâncias*: a situação social das crianças atendidas numa comissão de proteção de menores. Portugal: Centro de Estudo da Criança, Universidade do Minho, 2001. (mimeo)

SOARES, Natália Fernandes. *Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida – representações, práticas e poderes*. Tese (Doutorado) — Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares (2. ed.) São Paulo: HUCITEC, 2010, 398 p